

TALES VILELA SANTEIRO
ORGANIZADOR

PSICOLOGIA COM ARTE: SAÚDE!

**EXPRESSÕES ARTÍSTICAS EM COMEMORAÇÃO AOS 10 ANOS DO CURSO
DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO**



Tales Vilela Santeiro
Organizador

PSICOLOGIA
COM ARTE:
SAÚDE!

Expressões artísticas em comemoração aos 10 anos do Curso
de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro



Uberaba
2021

Copyright © 2021: EDUFTM

Direção Geral
Norma Lúcia da Silva

Coordenação Editorial
Tânia Araújo do Nascimento Cad

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Viviane Mara Miranda Rodrigues

Revisão
Débora Francisca de Lima

Impressão
Gráfica Universitária da UFTM

Conselho Editorial
Profa. Dra. Norma Lucia da Silva
Profa. Dra. Renata Pereira Alves Balvedi
Prof. Dr. Danilo Seithi Kato
Profa. Dra. Ana Cristina de Souza
Profa. Dra. Suzel Regina Ribeiro Chavaglia
Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro
Profa. Dra. Maria das Graças Reis
Profa. Dra. Sanívia Aparecida de Lima Pereira
Ma. Terezinha Severino da Silva
Prof. Dr. Álvaro da Silva Santos

Editora da UFTM - EDUFTM
Endereço: Praça Thomaz Ulhôa, 582 - Bairro Abadia
CEP: 38025-050 - Uberaba/MG
Telefone: (34) 3700-6647

CATALOGAÇÃO NA FONTE:
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

P969 Psicologia com arte: saúde! : expressões artísticas em comemoração aos 10 anos do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro / Tales Vilela Santeiro, organizador. -- Uberaba, MG: Eduftm, 2021.
E-book : il.

Bibliografia

E-book, no formato PDF, convertido do livro impresso
ISBN 978-65-89736-05-9

1. Psicologia e arte. 2. Arte nas universidades e faculdades. 3. Estudantes de psicologia. 4. Professores de psicologia. I. Santeiro, Tales Vilela. II. Título.

Amanda Franzão R. Silva - Bibliotecária CRB-6/3461

*Agradeço a todos os autores/artistas que aceitaram o desafio de compormos esta obra juntos.
Também agradeço à estudante Alícia Soares Siqueira pelo trabalho de secretariado.*

Tales

A arte existe porque a vida não basta
Ferreira Gullar

S U M Á R I O

Psicologia em Arte Coletiva	6
Prefácio	12
Criando a poesia da Ciência: 10 anos Psicologia UFTM/6º Seminários Integrados de Pesquisa em Psicologia	15
Professor João Batista Ribeiro: Nome do Evento 10 anos Psicologia UFTM/6º Seminários Integrados de Pesquisa em Psicologia.....	18
Poesias	20
Outras escritas	56
Imagens	69
Os 10 anos de curso de Psicologia da UFTM	106
Posfácio	110

PSICOLOGIA EM ARTE COLETIVA

Esta obra é o resultado de árduo e criativo trabalho, que espelha um processo coletivo. Quando da organização do evento em comemoração aos 10 anos do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sugeri à equipe organizadora, da qual era integrante, a ideia da sua concepção e, de pronto, todos a aceitaram e abraçaram-na como algo que poderia ser construtivo e enriquecedor a todos: produtores das artes, público leitor interno e externo à UFTM.

E assim pudemos retratar outros aspectos de nossa história, de formas distintas daquelas que nem sempre o meio acadêmico tem podido prezar. A dicotomia arte *versus* ciência foi superada, ainda que momentaneamente, em nossas trajetórias.

Fizemos e compartilhamos guloseimas. Tocamos e cantamos músicas. Dançamos. Expusemos em painéis multicolor palavras do nosso momento.

Estivemos pelo campus, dando as mãos. Todos estávamos juntos. Apreciamos essa doçura em roda, em festa. Repartimos sentidos que constituem o fazer e o ser do psicólogo em formação e o do psicólogo formador. Contemplamos todas essas possibilidades ao mesmo tempo, com a leveza dos encontros verdadeiros regando os gestos, definindo risos.

Sentamos ao chão. Brincamos.

Voamos alto. Planamos sobre a realidade universitária brasileira e uberabense. Esquecemos, não ingenuamente, do quanto ela pode ser sofrida e pode gerar sofrimentos. E gostamos muito disso, porque alimentos e bebidas que fortalecem nossas almas estavam ali, eram tangíveis para fomentar nossos desejos por mudança, nosso ímpeto para lutar por mais. E por mais dias assim.

Fomos o mais importante: crianças felizes. Sonhamos.

Imbuída desse espírito, esta obra foi idealizada e é apresentada ao público em forma de imagens, poesias, contos e outras palavras. Causos de tempos e de espaços que permanecerão, também por meio dela, em nossas memórias e corações.

A obra está dividida em dois “tempos”: o da palavra e o das imagens. Sabemos que palavras e imagens têm o poder de serem complementares, de se retroalimentarem, de se expandirem uma em relação às outras. Têm a força da criação embutida em si mesmas.

Acreditamos que uma obra de natureza artística não careça de explicações. Ela pode ser usufruída de modo único, por cada um que a veja ou interaja com ela. Espera-se, assim, que o leitor compreenda o que virá nas próximas páginas pelas vias do coração, tendo o sentir como premissa.

O leitor pode, ainda, contemplar o que se segue a partir de dois grandes vértices, digamos. No primeiro deles notará produções de estudantes e de professores. Produções de pessoas que ocupam ou ocuparam lugares de uma instituição universitária pública que sedia um curso de Psicologia. Derivações de uma realidade comum que percorreu 10 anos das vidas de todos eles. Ora de modo concomitante, eles ocuparam e ocupam assentos desse lugar, num mesmo tempo. E talvez assim um possa ter inspirado ou possa inspirar o outro, ainda que isso possa se dar, em última instância, pela via da negação do quanto o outro está integrado a mim.

Ora professores e estudantes ocuparam e ocupam assentos desse lugar sem que o tempo possa explicitar alinhavos. Por essa via de raciocínio, o leitor poderá alinhar as produções ao seu próprio modo. E talvez assim se sinta de algum modo desamparado. Nesses casos eventuais, espera-se que ele possa retomar páginas passadas e insistir. E assim indague a si mesmo, sem pressa ou exigência de exatidão, nas respostas que poderão surgir: isso aqui diz algo de mim? Isso aqui diz algo de um coletivo? Valeu a pena ter transitado por aqui?

O bordar desse tipo de questão é um sonho que esta obra almeja suscitar no leitor. Quando a ideia do livro surgiu, os motes que o sustentavam eram: vamos registrar outras histórias do nosso curso, com outras palavras? Vamos ressaltar talentos que podem estar invisíveis por entre os muros da universidade, do fazer-

-viver o cotidiano da Psicologia? Vamos recuperar a história dos 10 anos de nosso curso assim? O coletivo disse sim.

Nessa direção, cabe ressaltar que nesse coletivo e nesta proposta que se apresenta a linguagem artística é apenas uma outra forma de narrar o cotidiano das pessoas que por aqui passaram e passam. E isso não poderia acontecer pela via acadêmica. A linguagem da Arte é, aqui, inspiração. Embora alguns dos autores/artistas possam ter domínio da linguagem artística escolhida num sentido estritamente acadêmico, a escrita e/ou a visual, deliberadamente esse não foi o motivador da obra. Nesse sentido, alçar o leitor à condição de sonhante conosco é, ao mesmo tempo, pedir que ele tenha paciência. Sonhar junto não supõe clareza ou exatidão. Relógios podem derreter. Elefantes podem ter asas.

Acreditamos que os artistas das obras que aqui trazemos, em tendo aceito o mote do livro, a despeito de graus maiores ou menores de consciência que eles possam ter tido sobre o que produziram ou sobre o porquê escolheram o que escolheram para constar aqui, aceitaram retratar o que, no entendimento sensível deles, espelhava, novamente em graus diversos, o que ficou dos 10 anos de estadia neste curso, nesta instituição universitária onde passaram ou passarão aproximadamente 5 anos de suas vidas. Pudemos e podemos falar de amores e de ódios, de coragens e de medos, de pássaros e de peixes, de tempos e de espaços, de belezas e de feiuras. Esse primeiro vértice que pode acompanhar o trabalho do leitor diria de uma produção coletiva de subjetividades. O sentido pode estar aí. Ao falar de meu mundo, também falo do mundo, falo do outro que em mim é cativo.

Desde que entendamos que intuição e despojamento podem se alojar na linguagem artística, ao ponto de ter configurado a primeira maneira de olhar para as produções aqui registradas, então podemos afirmar que um dos vértices foi apresentado.

Um outro vértice que pode ser dispensado à obra é o que poderia ser resultante de uma viagem ao verso do mundo que o primeiro vértice buscou e busca apresentar. Se tomarmos as produções como espelhamen-

tos da realidade, digamos, mais exterior, poderemos notar que, de modo semelhante ao que se observou nas instâncias subjetivas que contemplam o primeiro vértice, as produções aqui desenhadas espelhariam o que historiadores dizem de reflexos da história dos dias recentes. Aquela que vai se constituindo no tempo presente, por pessoas, por grupos e por instituições do presente, no presente. A história da qual não temos muitas formas de lidar com ela com distanciamentos. Somos o movimento do lápis e do pincel no enquanto.

Por essa via de pensar, o curso de Psicologia no qual esta obra se erige é mais um curso de Psicologia brasileiro, regido por políticas públicas educacionais comuns, emanadas de ministérios e que buscam alcançar todas as Unidades da Federação. Acaso um leitor que não tenha constituído a história destes 10 anos ora retratados, ele reconhecerá seu curso e sua instituição aqui? É possível afirmar que sim. Todavia, uma afirmação de natureza excessivamente genérica, dadas as discrepâncias que um país tão gigante como o nosso comporta em aspectos socioeconômicos e culturais. Mas se a voz conectada à sensibilidade e a tons intuitivos não é prezada no meio acadêmico – inclusive nos traços emanados das políticas e suas diretrizes curriculares, essa representatividade possível que um curso poderia ter como ilustrador de outro ou de outros permanece sob sério risco de continuar emudecida e invisibilizada. Respostas a esse tipo de problemática seriam possíveis de serem obtidas, contudo não pela via que aqui se propõe.

Por outro lado, nos 10 anos que constituem o pano de fundo deste texto e desta obra o país passou por tantas e tamanhas mudanças no cenário educacional universitário, que não seria sustentável dizer que as obras apresentadas aqui teriam especificidade para retratação de toda essa movimentação. Porém, o contrário também não poderia ser dito. Sem defender um discurso dadaísta ao assinalar esse tipo de constatação, poderemos ver, assim, que algumas obras retratam intervenções resultantes de movimento estudantil, ocorrido em 2014, que tingiram as paredes da UFTM. E as cores permanecem vivas, atravessando nossos dias, ainda hoje. E ainda hoje parte de nós olha para as paredes multicores e constata poesia. Outra parte, vandalismo. Ah... as velhas partes, as antigas dicotomias, os incansáveis – e nunca obsoletos – maniqueísmos...

Movimentos estudantis ocorreram apenas em 2014? A universidade pública brasileira, de 2008 a 2018, configurou-se como uma identidade estática, reconhecível hoje como o era há 10 anos? Quantos políticos – ou algo que os valha – ocuparam o cargo de presidência no Planalto Central, desde então? Quantos puderam e têm podido ouvir as vozes dissonantes que a ambientação educacional pode elucidar? Quantos nos disseram ou têm-nos dito que sonhar pode valer a pena, ou que dispor sonhos para a partilha coletiva pode se converter em mesa e peitos fartos?

Esse segundo vértice também diz das impossibilidades de fazer retratos exatos, com contornos em preto e branco sobre o que uma obra como esta poderia significar para o leitor. Ele, proposto anteriormente como verso do outro, não é verso, é tempo e espaço relativizado num círculo perpétuo, de proporções perfeitas. É transbordamento de subjetividades em coletividades, de diálogo inconstante, infinito.

Um brinde à vida e à Psicologia e ao quanto elas podem ter seus horizontes expandidos por meio da espontaneidade e do fazer coletivo!

Tales Vilela Santeiro¹ , maio de 2019

¹ Psicólogo pela Universidade de Franca, mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor associado do Departamento de Psicologia e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, líder do Grupo de Pesquisa *Clínica psicanalítica* (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, CNPq/Lattes).

10 anos Psicologia

Logo vencedora do concurso de "Logo" em comemoração aos 10 anos do curso de Psicologia da UFTM, de autoria de Marina Signorette de Melo (2018).

P R E F Á C I O

PSICOLOGIA E ARTE

*E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

Gonzaguinha ²

O convite encomendado por Tales Vilela Santeiro para este prefácio foi irrecusável, tanto pela admiração que lhe tenho como por se tratar de um livro comemorativo aos 10 anos do curso de Psicologia da UFTM. Além disso, colegas e ex-alunos/os compõem e abrilhantam o corpo docente do referido curso.w

Assim, inicio este Prefácio com um trecho da música “Caminhos do Coração”, de Gonzaguinha, grande poeta da alma que nos lembra de que nossas trajetórias são constituídas pelas tantas, muitas pessoas com que vamos nos deparando ao longo da vida. Neste sentido, essa música me foi apresentada pela primeira vez por

² Caminhos do coração. Recuperado em 18 de Abril de 2019, de <https://www.lettras.com.br/gonzaguinha/caminhos-do-coracao>

Deborah Rosária Barbosa, amiga e parceira neste livro. Desde então, sempre que possível, lanço mão das estrofes acima para marcar a beleza desses encontros que nos ensinam tanto e de diferentes e imprescindíveis maneiras.

O livro “10 anos Psicologia” traz uma compilação de textos, poemas, quadros, artesanato, fotos e imagens produzidas por docentes e estudantes que, unidas/os nesta publicação, compõem uma espécie de mosaico ou colcha de retalhos. Este material resgata memórias, percursos, vivências e reitera encontros que foram constituindo suas/seus autoras/es e que, por sua vez, estiveram presentes na constituição de outras tantas pessoas.

Por se tratar de um curso de Psicologia em uma universidade pública, ressalta-se a importância de uma publicação coletiva, que valoriza e incentiva os processos de imaginação e criação tão essenciais para a formação pessoal e profissional.

A música de Gonzaguinha inicia-se com os seguintes versos:

*Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz
Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar*

Dada a amorosidade com que o livro foi concebido e organizado, imagino que tanto egressas/os como docentes aposentadas/os tenham, no curso, um lugar para voltar e encontrar “Um abraço amigo” e “um canto pra... sonhar” de tempos em tempos. Lembremo-nos de que o respeito e a valorização da afetividade na formação em Psicologia também são condições fundamentais para continuarmos a construir e lutar por uma universidade pública de qualidade e uma Psicologia comprometida com a dignidade e a emancipação humana.

Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva, Uberlândia, maio de 2019³.

³ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestra e doutora em Educação pela Unicamp, professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, editora da Revista Psicologia Escolar e Educacional e primeira secretária da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE).

CRIANDO A POESIA DA CIÊNCIA

10 ANOS PSICOLOGIA UFTM/6º SEMINÁRIOS INTEGRADOS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Para fazer Ciência é necessário rigor, raciocínio crítico, ceticismo, empatia, disciplina e comprometimento teórico-metodológico, pois o conhecimento resultante desta via necessita de solidez, lógica, clareza e ordem. A Arte, por outra vertente, nos exige paixão, sensibilidade e desprendimento. Ela pode tolerar o rigor, mas não depende dele. Assim, arte e ciência representam duas formas aparentemente tão opostas e ao mesmo tempo tão complementares para elucidar a complexidade do ser humano! A sede pelo saber, pelo conhecer, pelo descobrir, por tornar-se consciente de algo é inerente à condição humana e, como tal, coloca o ser humano em um lugar privilegiado: um ser que raciocina sobre si e seu mundo, a partir dos novos conhecimentos que adquire de forma cumulativa. Definitivamente, Arte e Ciência são produções inéditas da espécie humana.

Nascida enquanto ciência na Alemanha ainda no século XIX, a Psicologia hoje em terras tupiniquins desponta com rigor científico e sutileza artística. Este livro é um marco do trabalho sério e comprometido de docentes, técnicos e discentes que pela UFTM passaram e que mantiveram vivo o trabalho iniciado há mais de um século do outro lado do continente.

Se traduzirmos a palavra Psicologia, a duplicidade dessa ciência-arte já se manifesta, pois o termo abarca o “estudo da alma” e tal estudo pode ser sistematizado ou sentido. Os cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFTM buscam cotidianamente lidar com a experiência humana imbuídos de um rigor sensível, que fomenta a arte em suas manifestações mais clássicas ou mais pessoais. Nessa construção conjunta,

chama com frequência seus atores sociais a assumirem protagonismo e os Seminários Integrados de Pesquisa em Psicologia (SIPP) representam um momento em que muito desse conhecimento construído pode ganhar vida. A proposta principal do evento é integrar graduação e pós-graduação em Psicologia da UFTM quanto a sua produção de conhecimento científico, a partir da socialização dos trabalhos de conclusão de curso da graduação e das pesquisas do mestrado. Nas seis edições do evento que ocorreram até hoje, alunos da graduação e da pós-graduação tiveram oportunidades de compartilhar seus percursos sobre como planejar e executar uma pesquisa, além de suas dúvidas, angústias, conquistas e incertezas que advêm de todo esse processo. O evento sempre foi construído coletivamente, com a participação de docentes e discentes da graduação e da pós. Em sua 6ª edição, o evento contou com um significado ainda maior: celebrar os 10 anos do curso de Graduação em Psicologia da UFTM.

A organização dessa comemoração teve o envolvimento de alunos e professores na construção e execução do evento, que deram suas sugestões e opiniões sobre quais deveriam ser as atividades planejadas para um momento tão significativo. O produto desse envolvimento culminou em um dia inteiro marcado por encontros e reencontros; intercâmbios científicos, artísticos e afetivos; lembranças saudosas da trajetória do curso, permeadas por anseios e ambições para um futuro promissor e comprometido com uma formação de qualidade. Nesse contexto, Arte e Ciência estiveram presentes: duas lindas formas que nos permitem conhecer o mundo a nossa volta.

Fez-se arte! Ao retomar a história viva dos 10 anos do curso de Psicologia na instituição, com seus personagens inesquecíveis, suas dificuldades e a superação que possibilitaram.

Fez-se arte! Ao socializar os trabalhos dos estudantes, seus percursos, os temas escolhidos para conduzir as investigações. E, conjuntamente, pensou-se em conselhos aos iniciantes no mundo da pesquisa, compartilhou-se experiências prévias e juntos, todos se tornaram profissionais melhores.

Fez-se arte! Ao criar um evento que mostrou o lado menos óbvio de docentes, técnicos e discentes, que compartilharam seus desenhos, pinturas, poemas, quadros, tecelagem, fotos e outras manifestações subjetivas de mundo.

Na Psicologia da UFTM há muitas pessoas comprometidas com a construção de um conhecimento sobre as práticas psicológicas de forma sólida e embasada, mas estas mesmas pessoas também demonstram inúmeras aptidões para expressar das formas mais variadas seus afetos, anseios, angústias, impressões, inconformismos. O resultado dessa junção de singularidades foi esse livro com os registros de obras de arte, além da apresentação dos trabalhos técnicos. O evento comemorativo dos 10 anos do curso foi uma mescla de rigor e sensibilidade, o que tornou o evento único. Foi um momento em que arte e ciência foram os ingredientes principais para que se fizesse um encontro. Encontro, no sentido mais rico, de pessoas que se unem para uma direção em comum. Assim esperamos que siga a trajetória da graduação em Psicologia da UFTM, tendo a pós-graduação como um importante alicerce: juntando esforços e somando conhecimento a favor da formação de seres humanos preparados para atuar com ética, compromisso, responsabilidade e paixão.

Heloísa Gonçalves Ferreira⁴, Sabrina Martins Barroso⁵ e Tiago Humberto Rodrigues Rocha⁶
Uberaba, abril de 2019.

⁴ Psicóloga, mestra e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos, especialista em Psicoterapia Comportamental pelo Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

⁵ Psicóloga pela Universidade Federal de São João del-Rei, mestra em Psicologia e doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFTM, líder do Núcleo de Avaliação Psicológica e Investigações em Saúde (NAPIS) e membro do GT de Pesquisa em Avaliação Psicológica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

⁶ Psicólogo pela Universidade de Uberaba, psicanalista, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, doutor com dupla titulação em Psicologia Social pela USP-SP e pela Université de Rennes 2 (França), especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Federal de Uberlândia, professor adjunto do Departamento de Psicologia e coordenador do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

PROFESSOR JOÃO BATISTA RIBEIRO

NOME DO EVENTO 10 ANOS PSICOLOGIA UFTM/6° SEMINÁRIOS INTEGRADOS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Ao comemorar os 10 anos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), o corpo docente, os discentes e os técnicos do curso homenagearam o Prof. João Batista Ribeiro, falecido em dezembro de 2015, dando o seu nome ao evento.

Particularmente, fiz uma viagem no tempo, revivendo um período de muito envolvimento pessoal de cada docente com a construção do curso. Tendo sido a primeira professora concursada para esse curso e vindo de outra cidade, tive do Prof. João – de agora em diante apenas João –, que era psicólogo do Hospital de Clínicas (HC-UFTM), todo o cuidado que um recém-chegado poderia ter.

Até esse período, João não fazia parte do nosso corpo docente, chefiou o Serviço de Psicologia do HC por algum tempo e se tornou um amigo, não só meu, mas de todos os colegas que iam chegando. Fazia questão de nos apresentar os setores do hospital, as pessoas do quadro do HC que estavam diretamente ligadas às nossas pesquisas e estudos, e assim, foi-nos abrindo portas, facilitando um contato que, caso contrário, poderia ter despendido mais esforços de nossa parte.

João também nos apresentou a cidade, abriu as portas de sua casa, no aconchego de seus familiares, para nossas confraternizações, como também, para uma deliciosa comida caseira para nós, que vínhamos de outra cidade, diariamente, descansarmos dos almoços em *self-services*.

João era assim... um servidor, em sentido mais literal... era simples, mas exigente... para ele, o respeito ao outro iniciava em nossa apresentação; quando já em nosso corpo docente, cobrava de nossos discentes estagiários do HC, um jaleco limpo e bem passado, sapatos limpos e adequados. Criticava o meu uso de calças jeans. Hoje, quando me visto com roupa mais social, lembro-me dele... ele teria ficado feliz comigo!

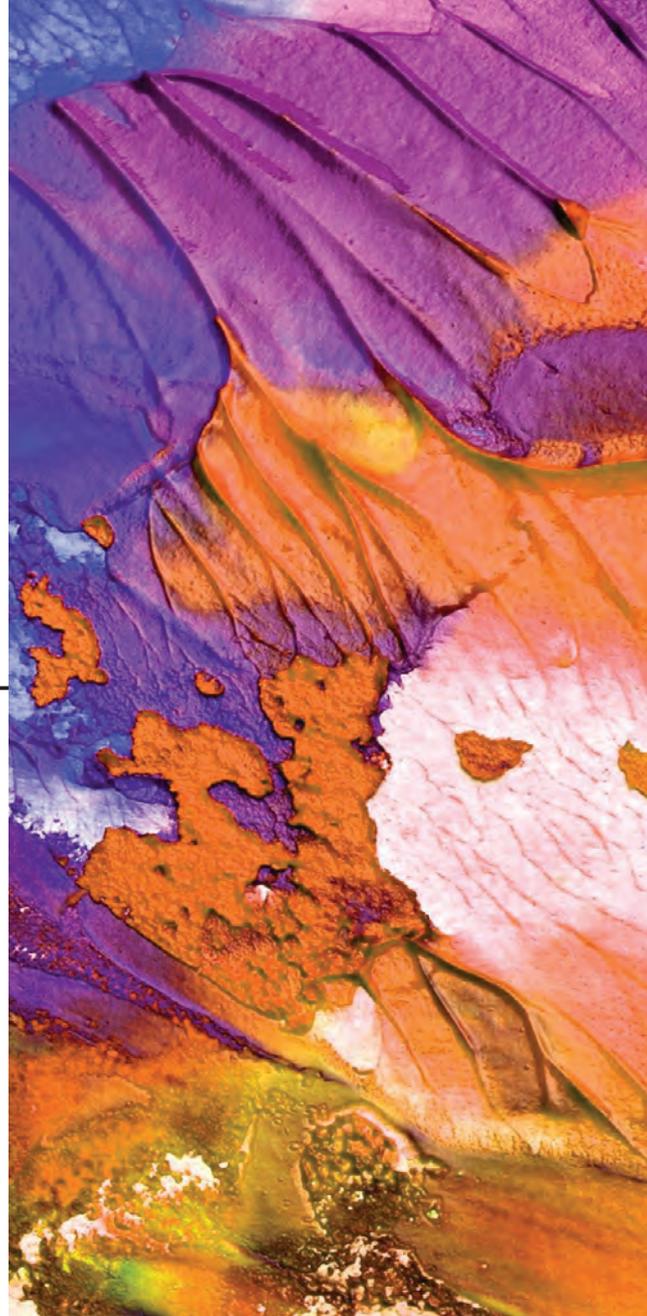
João foi assim... um profissional sensível e preocupado em aliviar o sofrimento do outro, em facilitar a estada dos colegas na UFTM, contribuindo com todo o seu conhecimento, tanto de Psicologia Hospitalar, quanto de sua rede de contatos.

A ironia da vida fez com que ele padecesse do mesmo mal de tantas pessoas que cuidou profissionalmente. Ao já saber de antemão o que o esperava a cada dia de luta contra a doença, Coragem foi o seu nome. João era assim... João foi assim... João muito nos ensinou... Saudades!!!

Conceição Aparecida Serralha, janeiro de 2019⁶.

⁶ Professora associada do Departamento de Psicologia e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Kennedy de Buenos Aires e em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), analista didata pela Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, autora dos livros *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica* (2016) e *"Não atendo criança": situações de risco para a não constituição do si mesmo* (2018).

POESIAS



TRANSBORDE, GAROTA

Cheia de mim
Nada mais energizante que uma bomba de si mesmo
Conforto na morada do meu corpo
Do meu ser
Dia de olhar no espelho com espinhas e pelos e dizer
Sou linda!
Real
Verdadeiro si
Água que alimenta
Transborda
Sacia
Ama
Goza
Voz que agrada
Que é sentida
Que arre pia
Que afeta
Que eu sou.

Natália Fernandes Resende, 2018.

PRAZER DA ARTE

Eu não posso deixar a arte sair da minha vida

Às vezes parece que minha singularidade voa e foge de mim

Como areia ao vento

Por que foges de mim?

Claro, não te culpo

Por que continuar dentro de alguém com pensamentos monocromáticos, mecânicos e quadrados?

Mas volte

Tenho saudades

Não me deixe olhar em quadrado

Quero ver curvas e outras formas

Volte quando sentir que estou rodeada de inspirações, cores e notas musicais

Quando sentir que está florescendo em meu peito

Quando houver um universo inteiro

Mas não volte quando houver engrenagens no meu corpo

Ou volte

Quem sabe semeie sementes no terreno?

Tudo fica tão lindo quando a existência ganha vida

Quando viver se torna arte

Quando estou transbordando autenticidade

Meu corpo estremece com um orgasmo

Simplesmente por sentir isso que não sei nomear
Que hoje eu chamo de
Prazer da arte.

Natália Fernandes Resende, 2016.

O ABISMO

Nas linhas tênues entre ser bom ou ser mal, quem esqueceu de nos contar sobre a profundidade do ser humano?
Nas linhas tênues entre vilões e heróis, qual foi o livro que ausentou a coexistência de ambos, e no final fez o leitor vibrar?

Nas linhas tênues entre o que fui e o que serei, quem enraizou que precisava ser uma escolha?

Nas linhas tênues entre o equilíbrio e o caos, quem valorizou tanto assim a linearidade?

Que entre as linhas tênues sociais, culturais e pessoais, o universo que vive em nós grite.

Que entre as linhas tênues da mente humana, a compreensão de todos os nossos seres não precise implorar por acolhimento.

Que entre as linhas tênues entre o que é meu e o que é do outro, ecoe o barulho do que foi e do que ficou.

Que entre as linhas tênues de quem sou, eu tenha o direito de me confrontar e correr ao meu encontro em seguida.

Que entre as linhas tênues de nossa existência não nos falte espaço para sermos por inteiros.

Que entre as linhas tênues entre o que podemos oferecer e o que esperam de nós, não nos falte superfície para voltarmos a respirar.

Que entre as linhas tênues entre desistir e continuar, o recomeço brilhe mais forte, porque quando a luz é intensa, o coração aquece e o parto ocorre dentro de nós.

Ana Carolina Gonçalves

Saudade do pai

Sua morte é a vida que se inicia
num novo tempo,
promessa de florescimento e evolução.
Bunarei o jogo de luz e sombra que
passou em tua vida,
para inspirar meus fatos cotidianos.
Celebrarei as tuas conquistas e honrarei
a tua memória,
curando igualar teu fato.
A perda, mesmo que eterna,
se reverterá em esperança,
em saudade, em celebração
de novas vidas.

Paloma Albuquerque
maio / 2016

TARÂNTULA

Você não me entende.

Nunca vai.

Como espera entender?

Não somos nada parecidos, você e eu:

Praticamente opostos

Pelo amor de deus,

Como espera me entender?

Você, sentado na sua cadeira cara,

Chupando o dedo do celular,

Calado na televisão.

Você não me entende,

Com uma cultura que não me entende

Palavras que não me representam

Então não se sinta no dever de tentar.

Não precisa gastar energia (Dessa que você não tem e nunca usou).

Somos de outros mundos.

No meu, as pessoas caem no meio da rua

Por causa do calor e da falta de comida, com o cigarro na boca ainda queimando
Vamos para umas boates que você ouve falar mal no rádio
Às vezes até fazemos o que você também ouve falar,
Só que com menos glamour.
Não sentimos todo esse impacto que você, no seu mundo, sente.

No seu, tem temperamento demais pro meu gosto,
Palavras escritas no colete de quem fala.
O anjo toca a harpa do juízo final que quiser,
Mesmo sem sentido nenhum.
A polícia sai na rua para bater em preto todo dia
Ou no jovem pobre fumando maconha.

No seu, Universitário é vagabundo
E pastor é divindade, que assedia criança bem embaixo da sua cara
Durante a sua parte favorita do filme.

No seu, você conhece político de perto
Ou tem uma foto dele pregada na parede da sua testa;
Aqui perto, a gente só ouve grito de político quando tem mil e uma viaturas cristãs perseguindo uma religião
qualquer.

Só sentimos toques do além quando vem uma família tradicional
Com suas tarântulas coladas aos braços
Todos juntos apontando para onde o ódio deve ir:
Aqui pra mãe solteira,
Ali pro travesti,
Lá pra criança que quer estudar, jogar bola ou brincar na rua,
Talvez até pra minha direção, se eu sair da linha que desenharam pra eu andar

Mas você não me entende.
Nem vai,
Você lê minhas palavras e me chama de esquerdista, gay, maconheiro.
Você não me entende
Como espera entender?

Rafael Dutra, 2017.



MAZELAS

É ferida que sangra.

É ferida que queima.

É ferida que dói a alma.

É ferida que não cicatriza.

Porque ela não quer ser curada?

Curá-la é sinônimo de ausência?

Curá-la é sinal de abandono?

Curá-la é libertar todas as borboletas?

Kelle Medeiros, 2016.

HUMANO

É invejável a humanidade que cabe em seu coração.
O sorriso escancarado que insiste em surgir do nada.
A sinceridade que existe em seu olhar.
A alegria de viver que emana de seu corpo e alma.

Kelle Medeiros, 2016

REFLEXO

Você é o espelho da minha alma refletida
geometricamente em formas psicodélicas

Kelle Medeiros, 2016.

MUROS

Liberdade!

Liberdade para imaginar.

Liberdade para sentir.

Liberdade para voar.

Liberdade para viver.

Liberdade sem medo.

Liberdade sem opressão.

Eu quero liberdade.

Quero conhecê-la.

Convidá-la para prostrar a vida.

Kelle Medeiros, 2016.

FLORES DO TEMPO

Hoje, enxergo meus nós um pouco mais desatados do que antes, percebo meus olhos um pouco mais abertos que ontem

Percebo minhas fadigas mais leves do que antes, enxergo meus percalços com mais amor, porque cresci com eles
Enxergo minhas olheiras como quem vê a expressão do viver ansiosamente na busca do sentir, mesmo que às vezes as feridas tenham surgido

Me disseram um dia que o tempo cura, que o tempo leva, que só com o tempo passa

Mas esqueceram de me dizer o que é o tempo

E não porque não me disseram o que é o tempo é que eu o quis descobrir

A vida foi me ensinando sem que eu precisasse pedir (indagar)

Não sei se a vida, não sei se outras vidas que passaram pela minha, ou se a minha que passou pelas outras

Não sei, mas sei que meu coração aprendeu que 'tempo' é palavra que se refere a muitas coisas, diferentes coisas

Tempo não é marcado pelo relógio não, não é desse tempo que eu falo, não é desse tempo que o peito carece ou que a alma padece

Digo sobre o tempo marcado pelo coração, ou seria do coração marcado pelo tempo?

Acho que são as duas coisas juntas num movimento louco de compassos descompassados

Acho que o bailar da vida tem passos tão diferentes ao longo dela que a gente fica por entender

Não sei, mas é engraçado como a intensidade de alguns encontros nos faz ser mais gente

Mais gente do que a longa duração de algumas estadas nos fez ser

Que o tempo leve essa angústia e a impotência de um coração que não aguenta a intensidade de transformar esse encontro em estada

Que coração tenha forças pra permitir que o outono troque as folhas desse emaranhado de mágoas
Trazendo flores para mais tarde entregar a quem também vai ter tempo de cuidá-las, porque antes se
cuidou primeiro.

Gabriela Pontes de Paula, 2017.

ÁGATHA

Ágatha correu, mas correu devagar como quem não queria fugir.
Foi para longe, como quem queria ficar junto,
Escolheu solidão como quem queria companhia,
Preferiu o claro, porém, nem suportava a luz do dia,
Optou pelo óbvio, enquanto por dentro seu talvez era infinito,
Era fria e exalava calor por onde passava – bonito conflito.
Sua boca confirmou o sim dando um beijo que também não queria,
Entregando seu corpo para alguém que nem merecia,
Aceitou menos, quase nada, migalha, da eternidade que lhe cabia,
Fez de posse existências que, na verdade, eram liberdade,
Tirou do bolso truques que lhe enganaram,
Rodou o mundo e não identificou seu universo pessoal.

Cansaço,
Embaraço,
Bagunça,
Regaço,
Vertical,
Bagaço,
Tremia,

Via,
Descobria,
Poesia,
Surpresa!

De repente da presa nasce a coragem inventada, que virou verdade.
De uma passagem escondida em seu interior que, não por acaso, ela mesma desconhecia.

Saudade, sim!
Sim, possibilidade, integridade, ritmada, compasso, espaço, abraço, horizontal.

Desarmou-se, conheceu-se, fez real a utopia dita devaneio.
Agora, corria o mais rápido que as pernas lhe permitiam, porque entendeu.
Finalmente poderia encontrar companhia para solidão.
Escolheu a noite, porque a escuridão não lhe reprimia, era de fato permissão,
Permitindo o "não sei", pois realmente não sabia seu desejo – e não precisava saber.
Seu corpo era seu e somente seu, até que lhe fizesse sentido o contato, o tato, o toque.
Não aceitou mais do que pudesse dar, nem menos do que lhe cabia,
Deu liberdade às existências que, então, possibilitaram plenitude e leveza.
Sorriu verdades indubitáveis, que não podiam enganar a ninguém.

Gabriela Pontes de Paula, 2015.

ENTRELINHAS

Não eu não quero ser morna, mas eu tenho sido.

Tenho sede de paixão, mas tenho mantido minhas barreiras intactas.

Tenho um grito ardente no peito, mas não tenho deixado queimar.

Tenho palavras paradas na garganta, não consegui engolir ou dizer.

Quero o mundo, quero tudo, mas tenho feito um pouco menos que nada por isso.

Tenho sido a expressão da calma, mas dentro de mim habita um caos constante.

Permiti que mil fagulhas de luz iluminassem meus olhos, mas não deixei nenhuma atingir minha alma.

Encontrei a alegria em vários sorrisos, mas repeli a felicidade do meu próprio.

Fiz do contato pessoal premissa principal para rotina, mas meu cotidiano só quer companhia da solidão.

Aprofundei-me nas entranhas mais escondidas, mas não consegui dividir com ninguém.

Encontrei pessoas incríveis e as quis por perto, mas tudo que eu fiz foi me afastar repentinamente.

Não me perguntes os meus motivos, nem eu os conheço.

Não me julgues pela minha contradição, pois meu devir pessoal não permite constância.

Não imponha ao meu ser os ideais da sua alma, mas se quiser me oferecê-los sei que te entregarei os meus.

Perdoe-me pela insensatez e incoerência dos meus movimentos, mas nunca soube ficar parada por muito tempo.

Se me afastei não foi por querer ou intenção, mas no meu mundo sempre me defendi do que nem sequer era perigo.

Com toda contradição, incoerência, inconstância, insensatez, sem sentido e do meu jeito, entrego nas entrelinhas todo amor que existe em mim – e sei que não é pouco.

Gabriela Pontes de Paula, 2016.

REFLEXO INTERIOR

A inconstância do ser transmite um pedaço da alma,
Da alma que cala,
Da alma que finge,
Da alma que sonha quieta,
E da alma que não se deixa ser alma.
A babilônia que impõe, a selva de pedra que oprime
O confuso difuso no interior de um peito calado.
O reflexo do medo de mostrar verdade, verdade da alma,
Da alma que cala,
Da alma que finge,
Da alma que sonha quieta,
Um rosto no espelho, um reflexo distorcido,
Distorção causada pelo que fizeram, falaram, julgaram,
Às vezes nem a força de uma alma é suficiente para ir contra a maré,
Por sorte ou destino aparece uma outra alma.
Alma que já calou,
Alma que já fingiu,
Alma que já sonhou quieta.
A segunda passa a ser guia da alma primeira,
Vai na frente, iluminando um caminho que antes era escuro,

Ajuda a curar uma ferida que parecia ser de um hemofílico,
Aos poucos essas duas almas se entrelaçam no encontro de um único ser,
Ser que fala,
Ser que demonstra,
Ser que sonha alto.

Gabriela Pontes de Paula, 2015.

VALENTINA

Valentina que luta com tanto afinco para que consiga estar, de fato, junto
Na maioria das vezes, não consegue.
Ela que admira tanto a coerência,
é a bagunça da contradição.
Ela que tanto ama quem não devia,
sempre diz pra não se conformarem com o que não é recíproco.
Ela que sempre quis a vida leve,
faz a vida com chumbo.
Ela que tem medo de dizer 'nunca',
sempre se assusta com o 'para sempre'.
Ela que tão cheia de si e tão completa por fora,
Se vê vazia por dentro.
Ela que precisa sempre do seu próprio espaço,
Perdeu a conta de quantas vezes invadiu – sem querer – lugares que não eram seus.
Ela que idealiza os sentimentos,
sempre soube da natureza humana instintiva.
Ela que tentou caminhar seguindo os passos de quem já viveu mais,
foi teimosa o suficiente pra querer um caminho só seu.
Ela que tão certa sobre as incertezas,

Teve certeza de que quem não sabe o que quer, não quer.
Ela que muitas vezes pensou ter traído a si mesma,
Discordou dela própria por saber que não sabia ser de outro jeito.
Ela que abraçou a quem precisou de um ombro amigo,
Não quis um abraço quando precisou.
Ela que se empenhou em procurar respostas,
Não aceitou uma resposta que não fosse outra pergunta.
Ela que se manteve firme em cumprir sua palavra,
Quis pedir perdão mesmo sem estar errada.
Ela que errou e, sem querer, não percebeu,
Quando viu não quis mais se desculpar.
Ela que não quis o perdão alheio,
Muitas vezes não conseguiu se perdoar.
Ela que sempre se interessou tanto,
Viu seu interesse se desfazendo na fluidez da sua indiferença.
Ela que acreditou na harmonia da existência,
Existe desarmonicamente.
Ela que fala sobre mil coisas que se contradizem,
não sabe não ser contradição.
E ao mesmo tempo, ela que se percebe enquanto criatura coerente,
Sabe que a sua coerência só se faz coerente quando ela mesma organiza.

Mas não se importa muito se suas palavras se desconectam quando ela as conecta,
Porque se a sua conexão não faz sentido pela razão, logicamente foi costurada pela emoção.

Gabriela Pontes de Paula, 2016.

SENTIDO

A busca por um tempo de solidão era só mais uma anestesia,
Anestesiando toda convivência sem vivência,
Escondendo aquela palavra engolida,
Mascarando toda história mal vivida.

O grito do peito era muito mais alto do que a voz podia alcançar,
Sufocar tudo aquilo era a pior das alternativas,
Mas aquela aflição nativa era uma força ativa
Que vinha não sei de onde e saía não sei o porquê.

Foi fácil fugir, na primeira, na segunda ou terceira vez,
Mas consciência uma vez desperta não sofre regresso
E para todo aquele progresso que o mundo pregava
Meus olhos eram míopes, quase cegos.

Ao mesmo tempo que a cegueira quase dominava
Uma faísca brilhava no meio do caminho
Caminho torto e sem destino,
Porém contínuo, transitório e alinear.

Talvez um dia encontrassem a resposta perdida por aí,
Mas talvez essa resposta fosse outra pergunta.
E se a pergunta nem fizesse sentido? Será que a resposta faria?
Talvez o sentido de tudo era justamente não fazer sentido.

Gabriela Pontes de Paula, 2018.

DE AGORA EM DIANTE...

De agora em diante, surtos de adrenalina, mas principalmente de inspiração e passionalidade.

De agora em diante, troca de beijos, mas principalmente de experiências. E de lugar.

De agora em diante, prazeres por prazer, mas principalmente por fogo e curiosidade.

De agora em diante, bebedeiras intermináveis com qualquer um que ofereça agradável companhia, mas principalmente café e vinho com anjos e demônios.

De agora em diante, baladas barulhentas, mas principalmente bares onde sua conversa ambiente faça minha alma dançar.

De agora em diante, a vida continua, mas principalmente poesia.

Bruno Alisson Gonçalves Alves, 2017.

DOR...

Vem do fundo,
sem rumo, sem pressa.
Sem destino.
Um verdadeiro desatino.

Não tem cor, não tem cheiro.
Remete, muitas vezes
A um forte... Desespero.

Ela é forte, parece até que tem garras.
Sobrevive de angústias, medos...
Anseios.

Carrega em si,
Uma coisa que parece um peso
Que não consegue ser deixado,
Que não consegue... Ser achado.

Não tem lugar,
Nada funciona.

Será que desaparecerá?
Ou a respiração, terá que parar?

Juliana Cristina Silva de Oliveira, 2018.

A-AMOR

Diz-me ser a delinquente
Que devo ser digna de sua compaixão
Mas o divertido é que suas palavras são embebidas de contradição

Se reparar, meu nome diz o contrário
E o intrigante é que você fez parte dessa escolha
Então por que agora quer que eu me martirize, que eu me encolha?

Poderia ainda me acolher
Não porque meu nome o diz
E sim porque o acolhimento e afeto são cruciais para não surgir uma cicatriz

Cicatriz que pode se tornar monstruosa
Igual à que vejo em ti
E quando a tocam, sua resposta é teimosa

Resposta teimosa, mas também defensiva
De quem não consegue conter seu furor
E o projeta com desafeto e falta de amor

Afinal, todo ser humano é digno de ser amado
O amor é necessário para um sadio desenvolvimento
De forma que afaste demasiado sofrimento
Creio que no fim das contas
Foi o que te faltou
Acabou por conceber o amor como algo obsoleto
Por isso estagnou
Não amou

Amanda Alves, 2016.

CONSTÂNCIA

Constante que persegue
Absorve a bravura
Impregna minhas palavras
Embala-me em uma armadura

É obstinada, como se eu não tivesse consciência
Dessa decadente comparência
Como se eu me deleitasse
Desse caos e desastre

Mas sua vinda é aflitiva
Suscita questões, incertezas
Que me puxam para as profundezas
De um universo contido em minha pessoa

Tenho pensado tanto em ti, constância
Que poria as cartas na mesa, caso fosse tocada pela ciência
Mas não mora na lucidez, à luz do raciocínio
Vive na obscuridade, onde estão as reais vontades

Volte, enfim, para as entranhas do meu passado
Conecte-se com seu afeto determinante
E me deixe existir de forma livre e constante

Amanda Alves, 2016.

NASCER (O TEMPO E AS RENDAS)

tudo novo
agulhas em balanço
o que espera gesta

era esse o tempo
desnovelar sonhos de agora em diante
pássaros soltos

dia colorido de alegria suficiente
folha em branco
pauta extinta
espanto

de imediato dor desajeito
trôpega vontade
desfiadas tramas
receios arditos

adoidado irrompe
sustenta o traçado e avança

procura o ponto
acha o tempo
criar escola
difícil num primeiro instante para soar novo
até o primeiro fio de certeza ser o último
e ser a primeira dúvida

vê o que não sabe
repara
o que nasce gesta

tempo escada íngreme
até onde o pensamento
fluente névoa
leve sustento

tempo energia cinética
palha de aço e fósforo
estrela viva
contínuo escape pela tangente
alegria

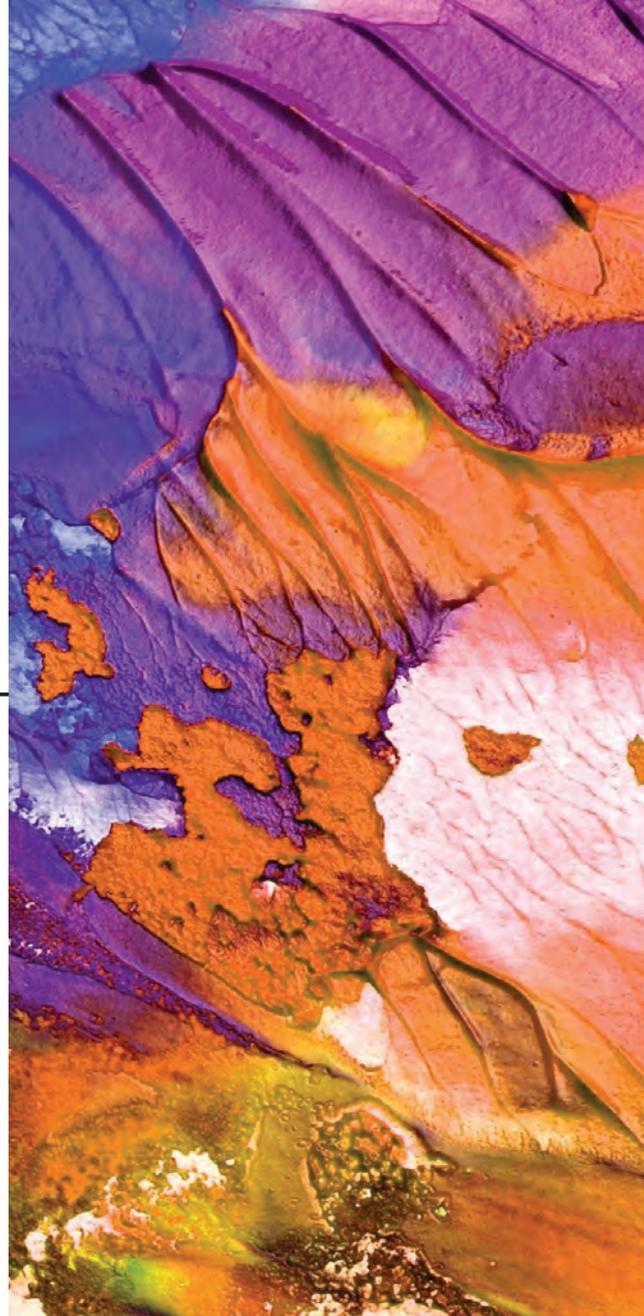
(retroagir o indispensável apenas para o arranque
para o recomeço)

tempo ambíguo
futuro essa paródia
esse ridículo
ficção há tanto que nem o tempo enlaça

tudo novo
agulhas em descanso
rendas derramando ao colo
sonho tempo

Tales Vilela Santeiro, 2018

OUTRAS ESCRITAS



CONCEDERAM-ME A LIBERDADE, MAS ESQUECERAM DE ME AVISAR

Certo dia, ouvi dizer que a marca da Modernidade é a segurança e da Pós-modernidade, a liberdade. Aquilo me causou uma verdadeira epifania; afinal, que liberdade é essa que nos custou tão caro e da qual nos aproveitamos tão raramente? Será que ele se referia aos 30 dias de férias conquistados na Seara Trabalhista? Mas que liberdade é essa com prazo determinado, dinheiro contado e com os próximos 335 dias encarcerados em trabalhos geralmente banais? Talvez ele tenha se referido às conquistas femininas. Mas se for este o caso, eu deveria ter-lhe dito que se ontem éramos subjugadas pelos pais e maridos, hoje somos verdadeiras escravas dessa pseudoliberalidade que se solidificou com ar de louvores, mas, que na realidade nos oprime dia após dia à semelhança de expiação inquebrantável. Que liberdade é essa que nos impõe jornadas desgastantes de trabalho – ainda não remunerado como mereceríamos, que nos obriga a deixar nossos bebês ainda tão dependentes, no colo de pessoas desconhecidas e, não raro, oprimidas como nós? Temos o direito de escolher em quem votar? Que maravilha! Pena é não poder optar pelo lugar de “rainha do lar”, ser impossível cuidar da alimentação dos filhos como se deveria, não estar disponível para ouvir seus sonhos e angústias. É uma pena... Mas, por que lamentar? Não somos livres? Sim, como não?! Em regra não dormimos mais que seis horas de um sono agitado. Ao acordar, mal conseguimos engolir às pressas qualquer coisa integral – dica da nutricionista - que encontramos pela frente. Ao chegarmos ao trabalho, pilhas de papéis, burburinhos dos colegas e muitas ordens; de todos os lados, de patrões, clientes, faxineiros, ordens que vêm até de um universo virtual. Mas, ainda somos livres! Tenho a liberdade de trocar o meu almoço por uma hora de pilates, yoga ou qualquer outro tipo de “obrigação” estética pós-moderna a que todas as mulheres estão duramente submetidas e, que quando são descumpridas, dão lugar a uma imensa culpa vinda sabe lá de onde. De volta ao trabalho, mais papéis, mais ordens, menos sol. O dia acabou e mal pudemos sentir o calor do grande astro, ou a brisa do outono, ou ainda o frio nada gélido do

nosso inverno tropical. Não importa. A lua começa a brilhar no céu e o nosso direito à liberdade continua sendo Constitucional. Livres pra sairmos correndo, pegar o filho na escola, passar no varejão, no supermercado, no açougue. Ops! Aquele presente do chá de bebê! Tudo isso atendendo ao celular inúmeras vezes e atravessando um trânsito caótico repleto de meios de transportes cada vez mais descontrolados. Mas ainda somos livres pra chegar em casa sem ter apreciado um só raio de sol ou de lua. E o jantar deve estar servido, os ouvidos prontos para escutar, sapatos e camisas a guardar. E a gente sempre linda, disposta e altamente conectada – como deve ser a supermulher da Pós-modernidade. Mas não nos esqueçamos - ainda somos livres e a lua continua lá. Tira a mesa depois de colocar. Lave tudo; não deixe o gás acabar. Beijo de boa noite, banho apressado, creme antirru-gas, anticelulite, antiliberdade. E a lua continua em seu lugar. Longos dias, brevíssima noite, curta vida. Tão curta que não a vejo passar. A verdade é que concederam-me a liberdade, mas esqueceram de me avisar.

Melissa Guimarães, 2013.

SOBRE MEDUSA

Ela era bela, diziam. Ouvira até que era a mais bela, sussurrado em seu ouvido em um canto escuro, ela rira se desvencilhando e negando, ansiosa para sair dali. Não acreditava nessa beleza, ou então, considerava seu sacerdócio o mais importante em si. O que seria de sua beleza em duas ou três décadas, o que seria dela mil anos depois, quando de si restasse somente o pó? Mas seu sacerdócio, sua deusa, sua mente, aquele templo construído em nome de Atena, aquilo sim permaneceria.

Nem homens nem deuses se importavam com o que ela achava, porém, com o que sentia; se importavam com seus belos cabelos, com suas pernas, seus seios, as coxas que sonhavam envolvê-los no mais íntimo dos abraços. Queriam tê-la, possuí-la, usá-la, fazer dela um objeto. Admiravam seu corpo e pouco se importavam com o resto.

Atena a punira por sua “transgressão”; é assim que os homens se lembram de sua história, sem questionar quem era o culpado, sem questionar o castigo ou a intenção da deusa a qual havia dedicado a vida.

Atena, deusa da sabedoria, da guerra, surgiu da cabeça de um deus homem, mas nem por isso perdera sua visão; o que Atena a oferecera era a vida, era um fim ao tormento ao qual homens haviam atribuído à sua beleza. Beleza a qual não havia pedido, que jamais havia buscado. O que Atena lhe deu foi poder, poder para se proteger, para proteger os frutos do ato de um deus que bem representava os homens, para proteger a outras, como ela.

Eles acharam que ela se enfurecera pela perda, que chorava e se escondia, mas Medusa nunca chorou, Medusa nunca se escondeu. Medusa apreciou o poder, a força que havia ganhado, o medo nos olhos dos homens antes de se tornarem pedras tão frias e vazias quanto deixavam aquelas que tocavam. Medo era melhor do que aquilo que a ofereciam antes, aquele desejo rude e sujo, que tomava posse de algo que nunca os pertencera. Ela

não podia se defender antes, mas agora podia.

Cortaram sua cabeça por essa afronta, usaram-na como troféu. Atena desejou tê-la matado então, tê-la poupado ao menos disso. Havia dado a Medusa a ferramenta para sua liberdade e a condenado ao mesmo tempo.

Disseram que Atena a havia punido, que havia tirado sua beleza e a tornado um monstro, que ela merecera morrer, mas a Deusa se lembraria daquela que fora ferida em sua casa, e morta, quando ousou se defender.

Lucas Ramalho, 2017.

O MENINO E O NATAL

Era quase natal...

Nas vésperas daquele dia parecia um dia como qualquer outro, poderia ser um dia como qualquer outro, mas para o menino era véspera de Natal. Uma data mágica para muitas pessoas, muitas crianças. A televisão mostrava pessoas muito felizes, em casas arrumadas e com árvores de natal cheias de fitas, luzes, enfeites e com muitos presentes embaixo. Também mostrava as pessoas comendo coisas que o menino nunca havia comido, não sabia o cheiro, a consistência, a textura. Nem sabia o que era, mas tudo era tão lindo, que com certeza deviam ser muito gostosas. Mas o menino inventava suas teorias... Ele via o panetone e pensava... “– Ah! Isso é igual a cuca da nona Clementina!”, via o peru e pensava... “– Se engordarmos uma galinha bem grande, durante muito tempo, ano que vem poderemos comer um destes!”, via os chocolates e pensava... “Isso deve ser parecido com aquele que comi na casa do meu amigo Daniel!”, via as árvores de natal e pensava... “Na igreja temos uma bem maior!”. A televisão mostrava as pessoas ganhando muitos presentes: sapatos, roupas, brinquedos, caixas de chocolate, outros doces, tudo muito distante da realidade do menino, mas que despertavam seu imaginário e deixavam o período especial e diferente. A data também era marcante porque o menino sabia que ganharia alguns chocolates, que mesmo não sendo muito bons (porque os do Daniel eram mais gostosos) e em pouca quantidade, ainda assim eram chocolates e ele amava ganhar. Era praticamente a única data do ano que ganhava chocolate, pois nos outros dias ouvia seus pais dizerem: “– Não temos dinheiro para comprar!”, e ele sabia que não adiantava insistir porque realmente era visível que não tinham dinheiro. Via seu pai comprar o básico para a família no mercado e pedir para o dono anotar e que pagaria quando colhesse a safra, não havia dinheiro, e às vezes nem safra porque o clima atrapalhava a colheita. Mas era Natal. A igreja era um dos poucos lugares enfeitados e onde tinha uma verdadeira árvore de natal, grande, iluminada e cheia

de enfeites. O menino não via a hora de receber o convite da senhora que era ministra da igreja, Dona Nair, para enfeitar a árvore, colocar o presépio e ensaiar as músicas da noite de natal. Noite feliz era sua canção favorita, porque para ele realmente era uma noite feliz, era uma noite mágica, quando as luzes se acendiam e o menino Jesus era colocado na manjedoura. Ele também se identificava com a pobre criança que nasceu em um estábulo. Ficava pensando sobre aquilo, sobre o nascimento, sobre o amor dos pais com o filho, sobre a pobreza da criança, sobre as histórias que contavam sobre ela. E nestas horas ele esquecia de si e pensava no sofrimento do outro, pensava que a criança nem tinha nascido em um hospital, nem casa tinha e ainda estava sendo perseguida. Ele viajava nas músicas e nos pensamentos sobre o menino Jesus, ficava imerso naquela magia que o momento tinha... os sinos batendo... as pessoas se acolhendo, até que vinha a hora de ir embora. Depois de saudações e abraços entre as pessoas da igreja, onde ele se sentia querido e especial, era hora de voltar para a casa com seu pai, sua mãe, sua irmã, com os tios(as), primos(as) e com os vizinhos que moravam na mesma comunidade rural. No retorno ele se sentia amado, especial. Sentia-se acolhido e pertencente àquele lugar. Ia conversando e brincando com outras crianças, que viviam praticamente na mesma situação do menino. Nesta hora ele não precisava da comida, do chocolate, dos brinquedos, da casa e da árvore mostradas na televisão... porque mesmo sendo pequeno ele já sabia que todas aquelas coisas não faziam diferença se ele não estivesse junto das pessoas que ele amava e que o amavam. Sem eles, ele teria um verdadeiro vazio e aí não seria natal. E o menino caminhava e brincava, pela estrada de chão, iluminada pelo luar da meia noite em um céu enfeitado por estrelas, de onde ele acreditava que Jesus estava lhe sorrindo e abençoando.

Lucas Rossato, 2018.

CIDADÃOS: A CIDADANIA EM CRÔNICA ⁸

Todo dia tem jornal, de manhã, à tarde, à noite, todo mundo assiste. Em pauta a cidadania, os direitos e deveres do cidadão — mas quem são esses cidadãos? —, e o que acontece quando estes são negados, quebrados, não cumpridos. As notícias? Mulheres sendo assassinadas por maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados, paciente morrendo em fila de hospital, o rombo da previdência, a corrupção — de quem dessa vez? — Tudo tão previsível que parece roteirizado, todo dia a mesma coisa, exceto quando a tragédia é grande; terrorismo, furação, queda de avião.

Tão iguais são os jornais que se parar para pensar não consigo saber que dia vi tal notícia. Teria sido segunda? Ou sexta, talvez tenha sido na quarta, se bem que na sexta tem mais tragédia para falar, mas na segunda tem todo o final de semana para discutir. Talvez seja normal, estar acostumado a ouvir falar em mortes na hora do almoço, de manhã, à tarde, a qualquer hora. Vai ver é normal a passividade, a apatia, vai ver é de se esperar discutir morte e saúde, política e violência em termos econômicos; como se o cidadão ali na TV sendo algemado e espancado ou a dona de casa que perdeu o marido porque não tinha médico para atender fossem meros personagens numa peça que deixa de existir quando a discussão acaba, quando a cerveja foi bebida e se vai para casa deitar e dormir numa cama confortável (depois de checar a porta três ou quatro vezes, com medo de ser roubado).

Vai ver virou rotina escutar “bandido bom é bandido morto” e achar que todo problema pode ser resolvido com uma fórmula simples usando palavras que se ouve repetidas por aí, que outra solução poderia haver? Que resta ao trabalhador que sacrifica a saúde, a segurança e o conforto para ter um salário no fim do mês, que resta

⁸ Originalmente escrito para a disciplina Estado, Sociedade Civil e Políticas Públicas.

ao cidadão que mora no apartamento de luxo, com o carro no estacionamento, mas que nem assim se sente seguro morando ali ao lado do morro?

Talvez seja assim que deva se discutir a violência e o esgotamento, sem nunca fazer nada; afinal que poder tem o cidadão comum? Que poder teria você frente ao governo, à corrupção, à violência que sobe e sobe e nunca se questiona o porquê. O que importa é pegar “nego” e tacar na cadeia, deixar apodrecer, mas a lei nunca funciona, não é? Ou será que funciona, mas só para alguns?

Fala-se de direitos, e acham que foram dados de bom grado, que o Estado decidiu sorrir para o cidadão naquele dia. Que não houve briga nem revolta, que não foram tomados a árduos golpes, que não pode deixar de ser direito qualquer dia desses. Que não houve e ainda existem pessoas lutando para serem reconhecidas como cidadãos, para terem o direito de simplesmente serem. Porque a história está escrita e não sendo feita agora; agora só tem vândalo querendo aparecer, e direitos humanos é papo de quem não tem o que fazer. Porque, quando um trabalhador de bem acharia tempo para protesto quando tem que trabalhar de segunda a sexta, quando acorda às cinco e volta para casa tarde da noite? Por que então não marcar protesto no sábado, domingo, longe do caminho e da vista, para não atrapalhar ninguém?

Ainda há de se mencionar que o cidadão TEM o direito de protestar, claro que tem, e a polícia “tá lá pra proteger”, para não deixar sair de controle. Mas parece que só sai de controle quando convém. Talvez sejam mesmo os vândalos, que vieram para destruir e não protestar, ou talvez esses “arruaceiros” atraiam esse tipo, mas não é meio estranho quando a polícia age e quando não age? Talvez seja normal isso, afinal, para delegado por aí deve ser diferente o tratamento da polícia na favela e no bairro “de família”. Alguém bem que podia perguntar para o senhor delegado se não está lá na constituição que todo cidadão deve ser tratado igual perante a lei. Quem sabe ele tem uma justificativa boa para ir contra isso.

Talvez seja idealismo mesmo, talvez a justificativa seja que nunca foi assim. Que o cidadão rico é diferente do cidadão pobre, e cidadão branco é diferente do cidadão negro, mas se admitimos que existem cidadanias diferentes, cadê essa igualdade de que falam tanto? E se não há essa igualdade, por que não?

Ainda, conversando com uma amiga, pensei na cidadania do “morador de rua”, que só não é invisível quando atrapalha. O direito à moradia não está garantido? Mas quando se vê um, só falta cuspir na cara, é escondido e chutado, levado e internado à força, é queimado e morto. É cidadão também? Tem direito à saúde? E a educação das crianças que nascem ali nas piores das condições, ignoradas desde o começo? Mas me falam de igualdade, e defendem a meritocracia, como se essa criança e o filho de empresário educado nas melhores escolas, com o mundo nas mãos tivessem as mesmas oportunidades, as mesmas chances, como se não decidissem seus futuros ali mesmo só de olhar e os tratassem como tal.

Parece estranho que o filho do empresário pode atropelar alguém e sair andando, e o negro da favela pego com maconha fica marcado para o resto da vida, além de preto é bandido e “nóia”. E enquanto isso político roubando, político que nunca aparece para trabalhar propondo leis para tirar direitos do trabalhador que quando chega em casa está cansado demais para pensar e protestar, quer mais assistir à TV, vai fazer o quê? Reclamar que nada muda, que os bandidos continuam soltos e nada vai pra frente, que todo político é igual. Logo é hora do café, do samba, futebol e carnaval, porque se tá ruim pelo menos tem onde esquecer os problemas... até a noite, quando é hora do jornal. E depois, a vida segue, como se o mundo e as desigualdades não passassem de uma mera cena de novela.

Lucas Ramalho, 2017.

Tem dias que o céu amanhece cinza, fechado. E não há nenhuma tempestade por vir. A tempestade está aqui dentro, e não tem previsão para passar. O sol já não é o mesmo. Seu calor não aquece como seus carinhos e abraços apertados. Até mesmo as flores já não têm a mesma cor ou o mesmo perfume... Ah, as flores... Como você gostava delas. E elas de você, por serem sempre tão bem cuidadas e regadas com tanto amor. Sei que elas sentem sua falta, talvez não tanto, como essa que aqui escreve. Difícil escrever e não serem palavras sobre você. Essa flor que agora está murcha e sem cor, busca com as palavras pôr pra fora toda falta que você faz. E a tempestade? Ela desemboca em seus olhos, tentando amenizar tamanha saudade. Saudade. Palavra pequena, mas que guarda em si tanta lembrança. Tanta coisa... Cada palavra, cada sorriso, cada ensinamento seu. Não se passará um dia sequer que não sinta tua ausência. Mas espero que essa tempestade seja amenizada, ou cada dia que se passar, ela vai destruir um pouco daquilo que ainda resta...

Juliana Cristina Silva de Oliveira, 2018

CARLOS, O PRIMEIRO MINEIRO QUE AMEI

Engana-se se você acha que foi o primeiro mineiro em minha vida. Devia ter de 11 para 12 anos quando o primeiro apareceu, na biblioteca municipal. Ele me aconselhava a conviver com os poemas antes de escrevê-los, a aceitá-los em seu tempo, em sua forma, em suas sete faces secretas. Enquanto os colegas achavam que escrever que havia uma “pedra no meio do caminho” era uma poesia barata eu achava aquilo tudo muito elevado, muito grave, muito problemático de uma criança entender. E sofria com aquilo que não podia cognitivamente compreender, mas que afetivamente me consumia.

Não tinha com quem desabafar sobre aquilo. Então eu escrevia, certo de que aquele mineiro estava vivo e um dia receberia uma carta minha, que eu escreveria secretamente e só deixaria Dona Cecília, minha professora de português, revisar. Foi então que descobri que ele estava morto desde 1987. Se ao menos eu tivesse aprendido a ler e a escrever com quatro anos, talvez ainda restasse tempo. Mas não. Eu ainda o releria muitas e muitas outras vezes. Tentaria também seguir os seus sábios conselhos:

*“Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros.
Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio”.*

Era urgente escrever para ele e dizer que ele já tinha escrito tudo o que um dia eu poderia vir a querer escrever. Se ele já tinha feito todo o trabalho, restava-me apenas esperar o tempo passar e aprender a fazer amor. Talvez assim fosse possível escrever algo inédito. Mas ele também tinha escrito sobre os desiludidos do amor:

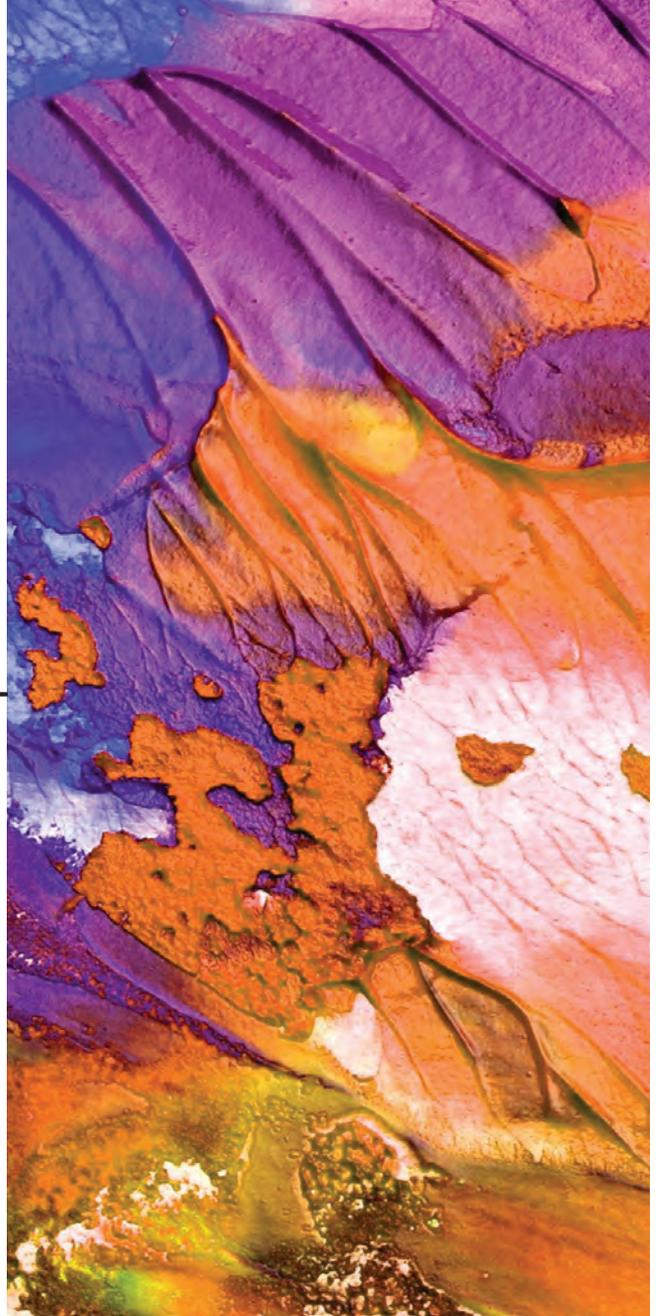
*“Os médicos estão fazendo a autópsia
dos desiludidos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam.
Visceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia”.*

Havia publicado o seu necrológio. E o meu próprio necrológio. A impossibilidade de estar com ele, de lhe servir um queijo e lhe perguntar se queria goiabada para acompanhar... essas coisas todas não tive tempo de viver ao seu lado. Queria muito que ele tivesse lido meu caderno amarelo com as poesias mais sofridas desse mundo. Eu tinha 12 anos. Queria que ele pudesse ter me dado um mísero conselho: não sofra tanto ou, se sofrer, aprenda a escrever de modo menos monotemático. Queria saber sua opinião. Queria lhe dizer que sinto nas minhas entranhas o verso “a ausência é um estar em mim”.

Queria te servir um café, Carlos. E perguntar como você se sente com os seus 114 anos de vida. Pois aqui dentro você está com uma saúde de ferro, igual aquele trem. E, por fim, como quem olha para o pai que já viveu de tudo nessa vida: *“Vai dar tudo certo, não é, Carlos?”*.

Fabio Scorsolini-Comin, 2016.

IMAGENS





Produção coletiva, coordenada por Eliane Lima, "O último Sabbat", foto digital (2018).



Ana Maria Dionísio, "Papel de carta - Psicologia com Arte: Saúde! Expressões artísticas em comemoração aos 10 anos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro" (técnica digital, 2018).



Conceição Aparecida Serralha, sem título, pintura de vidro com técnica de queima em forno, anos 1990.



*Conceição Aparecida Serralha,
sem título, pintura de vidro com
técnica de queima em forno,
anos 1990.*



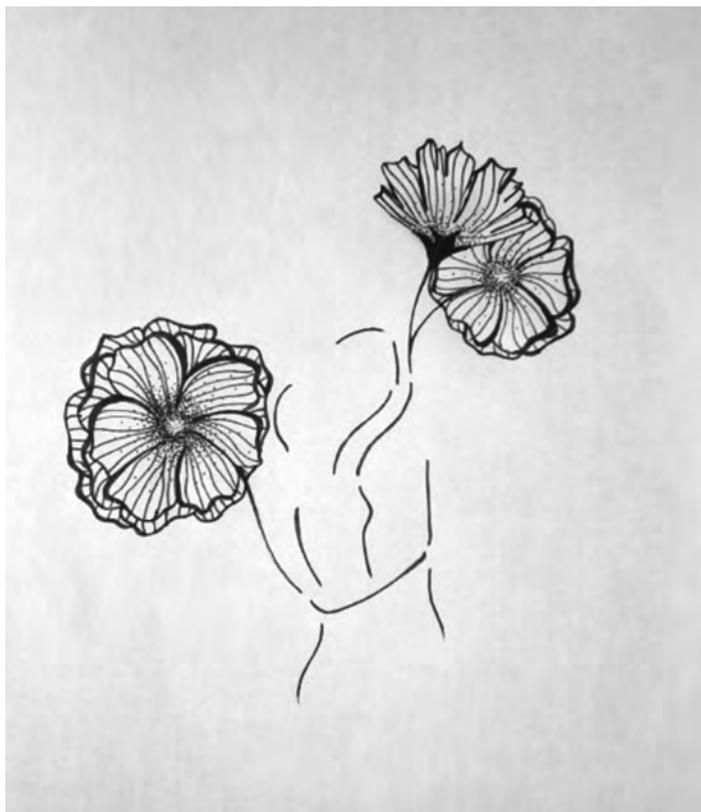
Mariana Garcia, "O florescer da mulher!", caneta Microline 0,04mm e técnica de pontilhismo, 2018.



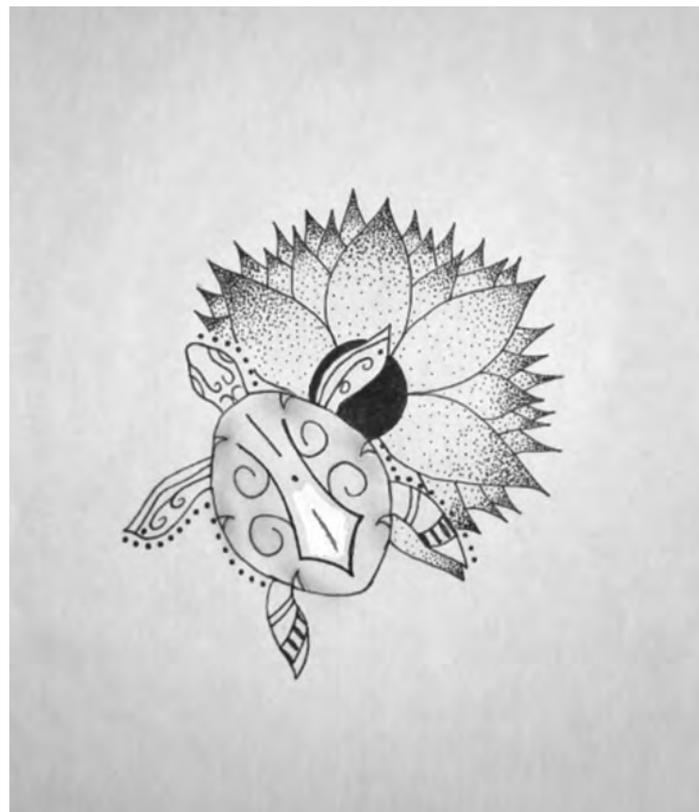
Mariana Garcia, sem título, caneta Microline 0,04mm e técnica de pontilhismo, 2018.



Mariana Garcia, "A liberdade de ser!", caneta Microline 0,04mm, 2018.



Mariana Garcia, "(Há)braços que florescem!", caneta Microline 0,04mm e técnica de pontilhismo, 2018.



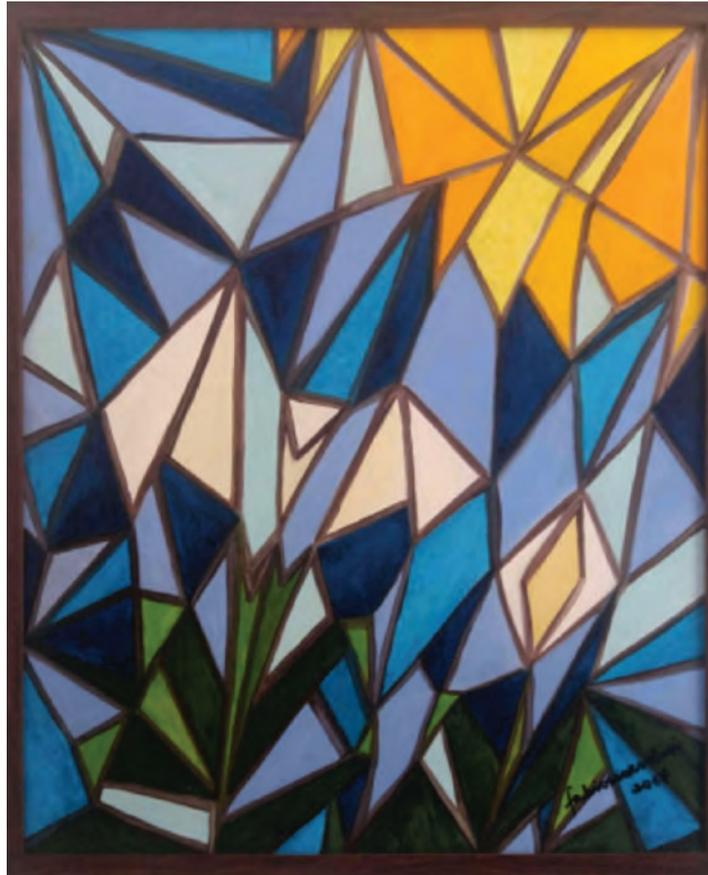
Mariana Garcia, Sem título, caneta Microline 0,04mm e técnicas de pontilhismo, 2018.



Heloísa Ferreira, "Natureza morta", óleo sobre tela, 1994.



Deise Coelho, "Árvores em flor", óleo sobre tela, 2005



Fabio Scorsolini-Comin, sem título, óleo sobre tela, 2017.



Fabio Scorsolini-Comin, "Para Guimarães Rosa", aquarela, 2016.



Amanda Alves, sem título, aquarela e lápis de cor em papel cartão amarelo, 2017.



Amanda Alves, sem título, tinta acrílica em folha A4 canson, 2017.



Amanda Alves, "A (cria)ção", parte da composição "mural-terapia", lápis de cor e aquarela em folha A4 canson, 2017.



Amanda Alves, "Oportunidades", parte da composição "mural-terapia", lápis de cor e caneta bic preta em folha A4 canson, 2017.



Amanda Alves, sem título, lápis aquarelável em 1/4 de folha A4 canson, 2017.



Amanda Alves, "O caso Dora", aquarela e caneta bic preta em folha A4 canson. - título: o caso Dora, 2017.



Amanda Alves, mural-terapia também. Foi feito de aquarela em folha A4 canson. - título: coragem, 2017.



*Renata C. Ribeiro Leandro, "Museu do Inconsciente",
fotografia digital, 2018.*



*Renata C. Ribeiro Leandro, "Centro Educacional - UFTM",
fotografia digital, 2017.*



*Renata C. Ribeiro Leandro, "Igreja São Domingos",
fotografia digital, 2017.*



*Renata C. Ribeiro Leandro, "Pôr-do-sol Biblioteca - UFTM",
fotografia digital, 2017.*



Renata C. Ribeiro Leandro, "Textura", fotografia digital, 2017.



Renata C. Ribeiro Leandro, "Imensidão azul", fotografia digital, 2017.



Renata C. Ribeiro Leandro, "Florir", fotografia digital, 2017.



Renata C. Ribeiro Leandro, "I Semana da Sexualidade – LIS/UFTM", fotografia digital, 2017.



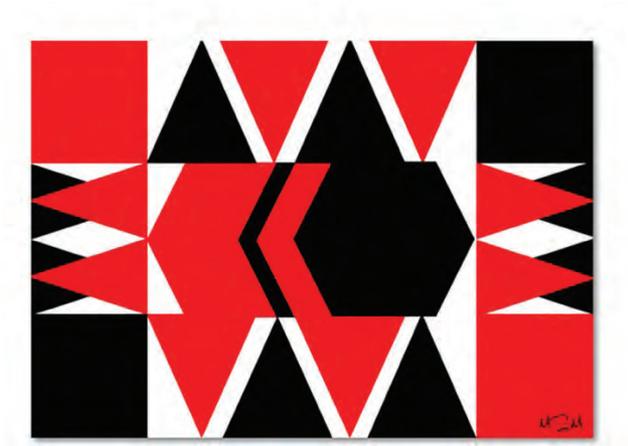
Renata C. Ribeiro Leandro, "Copacabana", fotografia digital, 2018.



Renata C. Ribeiro Leandro, "Rosa", fotografia digital, 2017.



Alícia Soares Siqueira, sem título, construção livre, feita por meio do software CorelDraw, 2018.



Marina Signorette de Melo, "Geometrias", construção livre, feita por meio do software Powerpoint, 2014.



Ana Beatriz de Souza Nogueira,
"All of time and space", Aquarela
sobre papel paraná, 2015.

ROGERS

MASCOTE DA
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO (A.A.A.P.T.M.)



PRIMEIRA VERSÃO.
ILUSTRADA POR
LETICIA TROMBINI
VIDOTTO



VERSÃO ATUALIZADA NO ANO DE 2017

ARENA

MASCOTE FEMININA DA

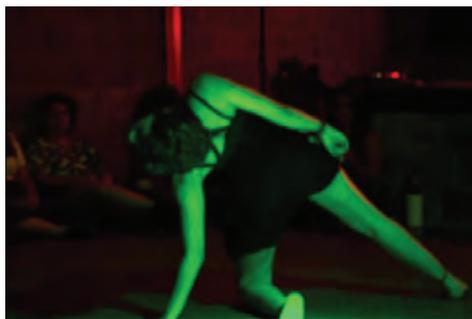
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO (A.A.A.P.T.M.)



ILUSTRADORA: LÍVIA LIMA GALLO (2018)



"O que te torna humano", fotografia encaminhada por Isabella Souza, de autoria de Fotografia UFTM, 2018.



*Imagens da coreografia "Mind the gap".
Bailarina: Mariana Leonidas.
Apresentação integrante do Sarau Flor
de Lis da II Semana da Sexualidade,
realizado pela Liga de Sexualidade (LiS)
da UFTM, nos dias 22 a 25 de outubro
de 2018.*

*Imagens encaminhadas por Carolina
Leonidas (2018).*



Imagens do Sarau Flor de Lis da II Semana da Sexualidade, realizado pela Liga de Sexualidade (LiS) da UFTM, coordenada pelos docentes Carolina Leonidas e Rafael de Tilio, nos dias 22 a 25 de outubro de 2018.

Fotografias encaminhadas por Carolina Leonidas (2018).



Fotografias encaminhadas e de autoria de Sara Miyuki Suzuki (2018).



Fotografias encaminhadas e de autoria de Sara Miyuki Suzuki (2018).



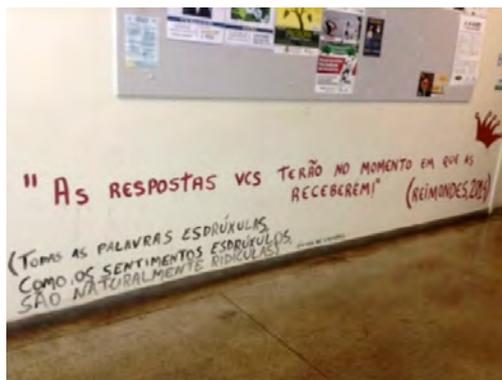


Fotografias encaminhadas e de autoria de Sara Miyuki Suzuki (2018).

Fotografias de autoria de Roberta Nunino Ribeiro. As fotografias foram tiradas em 2015, de obras que foram criadas por coletivos de estudantes da UFTM, em 2014. Essas obras se localizam no prédio do Centro Educacional.

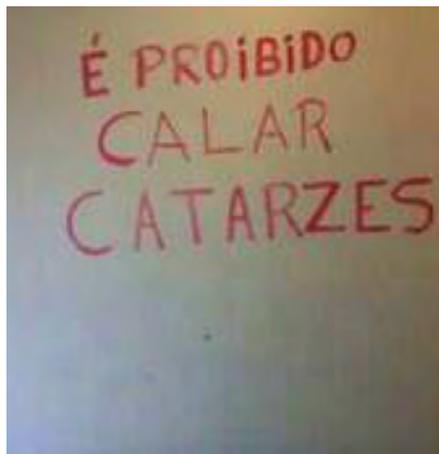
As fotografias foram selecionadas de um total de 496 e foram encaminhadas por Rafael De Tilio (2018).





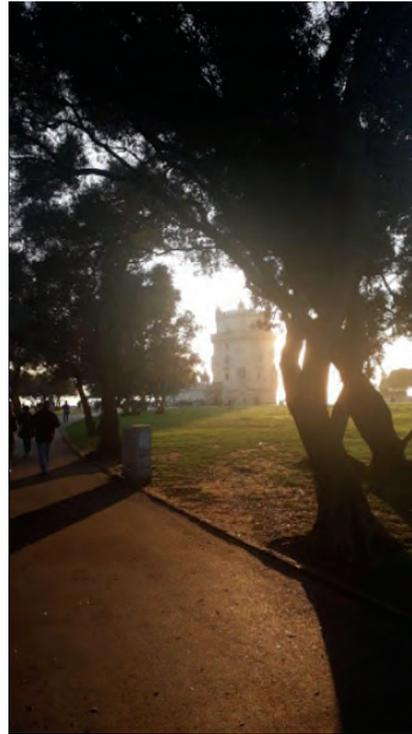
Fotografias de autoria de Roberta Nunino Ribeiro. As fotografias foram tiradas em 2015, de obras que foram criadas por coletivos de estudantes da UFTM, em 2014. Essas obras se localizam no prédio do Centro Educacional.

As fotografias foram selecionadas de um total de 496 e foram encaminhadas por Rafael De Tilio (2018).

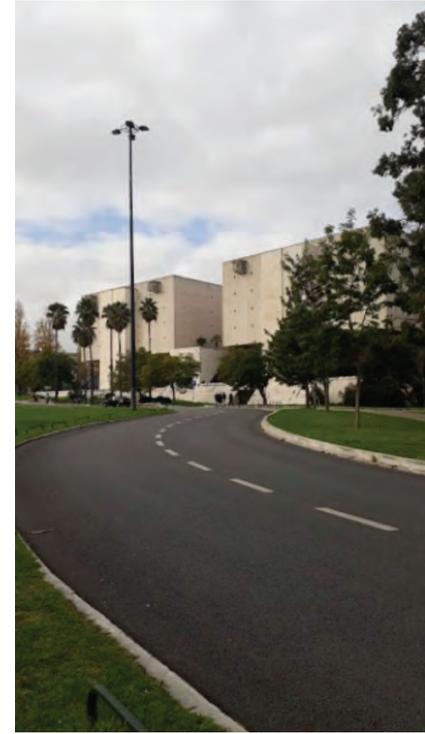




Walter Faria Neto – Raios de luz ao estilo Manoelino – Batalha, Portugal (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Um dia de calor na Torre de Belém – Lisboa, Portugal (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Um caminho para a Torre do Tombo – Universidade de Lisboa – Lisboa, Portugal (Fotografia digital, 2018)



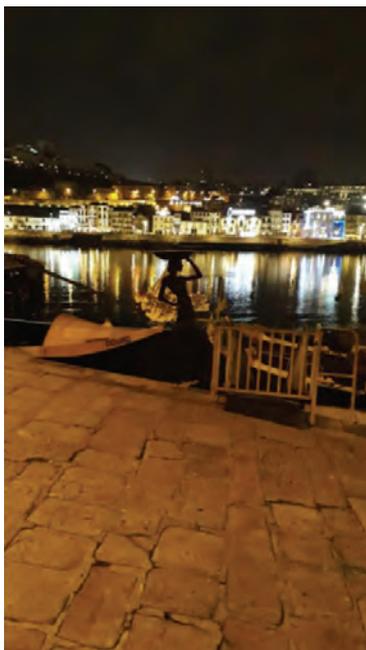
Walter Faria Neto – A diversidade dos poetas – Jardim dos Poetas – Oeiras, Portugal (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Uma árvore de sapatilhas para o Natal – Palais Garnier – Paris, França (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Na solidão da cidade, a busca pelo prazer – Bruxelas, Bélgica (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – A mulher e o Douro – Porto/Vila Nova de Gaia, Portugal (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Noite lúgubre – Santiago de Compostela, Espanha (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Nos caminhos de Calatrava – Cidade das Artes e Ciências – Valência, Espanha (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Nos caminhos da iluminação – Buddah Eden – Bombarral, Portugal (Fotografia digital, 2018)



Walter Faria Neto – Nos caminhos de Calatrava – Lisboa, Portugal (Fotografia digital, 2018)

OS 10 ANOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UFTM

Geralmente quando se pensa em história, se pensa em algo a ser contado sobre algo que já passou, um fato, um acontecimento. A história de algo que já se foi, que acabou. No entanto, há uma outra perspectiva de história que diz sobre processos, mudanças, fatos que estão em andamento, em transformação, a partir de contextos e nexos que constituem o presente, a partir do passado próximo, ou longínquo. Neste sentido, a “história do presente” tem mais a dizer sobre processos vivos, dinâmicos, e é sobre isso que a concepção de arte desta produção pode contribuir para o entendimento de uma história em andamento nestes dez anos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uma produção composta por inúmeras mãos que contribuíram, não necessariamente durante este período de 2008 até o momento, mas por um enorme quadro de pessoas que constituem como docentes e discentes do curso, uma força produtiva e sensível quanto ao papel da arte enquanto elemento sensível às questões do tempo.

Para além da questão pessoal – dos que compõem a obra e dentro de um certo recorte temporal, os estudos historiográficos atuais se guiam pelo entendimento de que a história se constrói conforme o homem constrói a si mesmo, de modo que estudar a dimensão histórico-social da Psicologia é entender sua constituição como ciência (Cambaúva, Silva, & Ferreira, 1998). A partir deste sentido mais amplo, ao aplicar essa visão em um estudo institucional, a pesquisa historiográfica auxilia na compreensão das particularidades da estruturação do ensino de Psicologia no Brasil (Gualberto Silva, 2018), além de manter, mais especificamente, viva a memória do curso, destacando seus limites e potencialidades. Para tanto, é importante resgatar dois momentos históricos, baseados na pesquisa de Gualberto Silva (2018), que são:

- o ano de 2005, quando o órgão responsável era a Congregação da UFTM autorizou a criação do curso de Psicologia pela Resolução N° 005, de 21 de novembro de 2005.

- o ano de 2008, quando o primeiro Projeto Pedagógico do curso de Psicologia da UFTM foi proposto, apoiado na Lei 4.119 de 27/08/1962 (que regulamentou a profissão de psicólogo no Brasil) e na Lei 10.172 de 09/01/2001 (Plano Nacional de Educação); dentro dos Parâmetros Curriculares (SESU-MEC) e Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Graduação em Psicologia (CNE/CES, 2004). Este projeto foi desenvolvido pela professora Cibele Alves Chapadeiro e pelo professor Jorge Darini, com a consultoria da professora Helena de Ornellas Sivieri Pereira (Gualberto Silva, 2018, p. 20).

No ano de 2018, o curso de Psicologia da UFTM completou dez anos de implementação e como parte das atividades de comemoração, se encontra a publicação desta obra, cujo organizador, Professor Tales Vilela Santeiro, gentilmente nos convidou para colaborar com um texto que remetesse ao histórico do curso. Como “historiadores do curso” e tendo desenvolvido uma pesquisa institucional sobre o tema, consideramos que há um movimento constante de reformulação de aspectos institucionais, que por sua vez resvala em revisão da História da instituição e do curso de Psicologia, guardando para o momento presente uma discussão sobre como as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia serão recompostas, a partir da iniciativa do Conselho Nacional de Saúde, que está orientando a revisão de diretrizes curriculares de todos os cursos da área da saúde. Neste sentido, há uma disputa evidente entre a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), que iniciou um processo de revisão do documento de 2011 junto ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) e à Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI), que culminou na elaboração de uma minuta que vem sendo questionada, principalmente pela Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e Associação Brasileira de Pesquisa

e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), que discordam do processo que culminou na elaboração do texto. Essa questão movimenta a profissão no âmbito político, levando a discussão entre as entidades relacionadas sobre a formação em Psicologia, reforçando os achados da pesquisa de Gualberto Silva (2018), a respeito do esforço despendido nestes dez primeiros anos do curso para o atendimento do projeto pedagógico às exigências governamentais.

Considerando que, apesar desta tarefa de reformulação ser do Ministério da Educação em diálogo com o Ministério da Saúde, há a questão premente da discussão da Psicologia também como área da Saúde, o que reforça o campo de forças que, muitas vezes antagônicas, atinge a perspectiva da formação em Psicologia no país. Sendo assim, exerce direta influência na concepção de formação de psicólogos no curso de Psicologia da UFTM. Neste cenário, o ofício do historiador não apenas remete ao passado ao se propor datas, personagens históricos ou nexos causais, mas também à busca do entendimento sobre os processos em andamento que poderão impactar o futuro e este... é uma total incógnita!

Sara Lorraine Gualberto Silva⁹ e Walter Mariano de Faria Silva Neto¹⁰ , maio de 2019.

⁹ Psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFTM, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹⁰ Psicólogo pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFTM.

Referências

Brasil, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia*. Parecer CES/CNE 62/2004, homologação publicada no DOU 12/04/2004, Seção 1, p. 15. Resolução CES/CNE 08/2004, publicada no DOU 18/05/2004, Seção 1, p. 16.

Cambaúva, L.G., Silva, L.C., & Ferreira, W. (1998). Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. *Estudos de psicologia*, 3(2), 207-227.

Gualberto Silva, S. L. (2018). *História do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro: criação e implementação (2018-2011)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba – Minas Gerais.

Lei nº 4.119/62 de 27 de agosto. *Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Brasília: DF.

Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. *Aprova o Plano nacional de Educação e dá outras providências*. Brasília: DF.

UFTM (2005). Resolução nº 005 de 21 de novembro de 2005, da Congregação. *Dispõe sobre a criação de novos cursos de graduação na UFTM*. Uberaba: MG.

POSFÁCIO

“O que é e para que serve a História? Para alguns, a História não passa de uma lista de datas e nomes, algo que já passou, que já morreu e que, portanto, diz pouco ou nada ao nosso presente. No entanto, nas palavras do historiador francês Marc Bloch, a “História é a ciência dos homens no tempo”. Ou seja, o objeto da História é a ação de homens e mulheres ao longo do tempo, logo, a ciência histórica produz conhecimento sobre a trajetória dos seres humanos no tempo, servindo para que possamos conhecer o nosso passado, mas também para pensarmos o nosso próprio presente” (SITE UFTM)

Gosto de contar histórias e histórias. Talvez por isso meu caminho na Psicologia foi trilhando os caminhos da memória e da história. E ao ser chamada para posfaciar este livro, que conta os dez anos do curso de Psicologia, não pude deixar de escrever algo que fosse neste sentido, ainda mais em se tratando da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba, nas Minas Gerais, terra de contadores de “causos”. Assim, me permitam antes de falar ou posfaciar o livro em si, prefaciar um pouco de histórias e histórias desse lugar.

Uberaba é uma cidade que fica no interior de Minas Gerais, na região conhecida como Triângulo Mineiro que dista 481 quilômetros da capital do Estado. E o nome da cidade é derivado da língua Tupi e significa: “água cristalina”. Isto porque os primeiros povos que lá habitaram encontravam vários córregos, entre eles o Córrego das Lages, de uma água limpa para beber e nadar. O povoado de Uberaba foi fundado em 1809, por Antônio

Em 2008, foi criado o Curso de Graduação em Psicologia. E cá estamos nós, com essa produção de alunos e professores para mostrá-la ao público externo. O livro é composto por lembranças de alunos e professores que, ao longo deste tempo de 10 anos, passaram pelo curso. O livro inicia com relato sobre o professor João Batista Ribeiro que contribuiu no nascedouro do curso, porém faleceu devido ao câncer e deixou saudades. Depois são expostos poemas que trazem temas diversos como “Reflexo interior” (Gabriela Pontes de Paula, 2015) e em busca de “Sentido” (Gabriela Pontes de Paula, 2018) para descrever a vida, os momentos, reflexões do “Humano” (Kelle Medeiros, 2016) em nós. Também se encontram crônicas e fotografias na obra, algumas das quais mostram a UFTM e a cidade de Uberaba, bem como ilustram as habilidades dos autores do livro em técnicas de pintura a óleo, em vidro, pontilhismo, aquarelas.

Toda a obra é um relato afetivo do curso. Por meio das diversas imagens, sentimentos e memórias que a constituem, é possível constatar reflexos da pluralidade desta história/memória na tessitura desse espaço/tempo de criação e produção de conhecimento e prática em Psicologia. Ecléa Bosi (2003) diz que: “É bom lembrar com Merleau-Ponty que o tempo da lembrança não é o passado mas o futuro do passado” (p. 66-67). E ainda: “Os historiadores são como surdos, dizia Tolstói, respondem perguntas que ninguém lhes fez” (p. 67).

E foi pensando nestas perguntas que ninguém fez, que ouço, escuto e vejo imagens e vozes aqui traduzidas nestas produções ligadas às artes em geral (fotografia, artes plásticas, poema, performance). No livro, o leitor poderá fazer um passeio por universos desconhecidos, mas que se permitem conhecer por meio dessa outra linguagem que, como dizia Jung, remonta à criação humana, ao desejo criador de dizer para além das palavras. Para o autor, a arte é um símbolo que tem “... efeito promotor e gerador de vida”, e nos permite “... dizer mais do que realmente digo; eu ‘entendo’ para além de mim” (Jung, 2009, p. 119).

E é vida que encontramos nas páginas deste livro ao ver pores do sol do alto da janela da Biblioteca da UFTM (Renata Leandro, 2017), mãos dadas que tornam humano o encontro (Isabella Souza, 2018), sorrisos e

animação (Sara Suzuki, 2018), oportunidades (Amanda Alves, 2017), liberdade de ser (Mariana Garcia, 2018), o primeiro que amei (Fabio Scorsolini-Comin, 2016), as lembranças doces do natal em família (Lucas Rossato, 2018), de um amigo querido que se foi (Conceição Serralha, 2018), de lugares que fui e quero voltar (Walter Faria Neto, 2018). E assim tantos outros(as) possíveis reflexos que vão oferecendo neste livro, partes do que se colheu e recolheu nestes dez anos. São referências internas, externas, eternas.

Aqui, neste interior das Gerais, hoje terra do zebu, de Chico Xavier, da UFTM, da Uniube, dos dinossauros e, de tantos de nós que, anônimos, vamos construindo, aos poucos, neste cerrado, a Psicologia brasileira. Uma Psicologia com suas facetas mil, seus muitos jeitos de lidar com o humano, com as dores, alegrias e tudo que podemos viver nos encontros. O livro é um encontro com pessoas que aqui passaram e viveram esses dez anos, com alegrias e tristezas, perdas e conquistas, altos e baixos, vida...

Em suma, o leitor encontra neste livro, imagens do jogo dialético entre consciente e inconsciente, memórias, histórias, estórias, causos, contados pelos múltiplos olhares daqueles que nos convidam a entrar por meio de suas matizes, em suas vidas... Entre, senta, vamos preparar um café mineiro, com bom pão de queijo e um docim... a prosa continua aqui no livro...

Deborah Rosária Barbosa ¹¹

¹¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Psicologia Escolar e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais, poetisa de gaveta nas horas vagas.

Eustáquio da Silva e Oliveira, que era sargento-mor comandante da Companhia de Ordenanças do Distrito do Julgado do Desemboque da Capitania de Goiás. As famílias que se instalaram desenvolveram o Arraial de Uberaba que foi, inicialmente, chamado de Sertão da Farinha Podre. Em 1820 foi alçada à categoria de Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba. Uberaba já pertenceu à Capitania de Goiás, também fez parte do município de Araxá e depois se tornou parte do estado das Minas Gerais e desmembrou-se de Araxá em 1836 (Wikipédia, 2019).

Uberaba é, também, conhecida pelo Hospital do Fogo Selvagem, referência no tratamento de pênfigo foliáceo, uma doença autoimune, e pela influência do médium espírita Chico Xavier, que residiu quase toda sua vida na cidade, realizando um trabalho social e de psicografia conhecido no Brasil e exterior. Também, no distrito de Peirópolis, ao lado de Uberaba, foi criado o Centro de Pesquisas Paleontológicas e o Museu dos Dinossauros, que possui fósseis de mais de 65 milhões de anos. Além disso, a cidade abriga os museus de Arte Decorativa (MADA), Museu do Zebu, Museu de Arte Sacra, e tem atrações como o Mercado Municipal, com os melhores doces da região, e igrejas belíssimas, com arquitetura e ornamentos que vale a pena conhecer. Uberaba é a sede da Academia de Letras do Triângulo Mineiro (Wikipédia, 2009).

As raízes da Universidade Federal de Minas Gerais remontam à primeira escola superior criada para área da saúde bucal e farmacologia, a “Escola de Farmácia e Odontologia”. Em 1947, o professor Mário Palmério fundou a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro que, mais tarde, se tornou Faculdades Integradas de Uberaba (Uniube), até hoje outra importante universidade desta cidade. Em 1953, nasce a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, que se consolida na formação de médicos na região e, em 2005, esta passou pelo processo de federalização e passou a ser denominada Universidade Federal do Triângulo Mineiro, agora oferecendo vários cursos.

Referências:

Bosi, E. *O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Jung, C. G. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. In: *O espírito na arte e na Ciência*. OC XV. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. **Site oficial – história**. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/historia>> Acesso em 01 de maio de 2019.

Wikipédia – A enciclopédia livre. **Universidade Federal do Triângulo Mineiro**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_do_Tri%C3%A2ngulo_Mineiro> Acesso em 25 de abril de 2019.

Wikipédia – A enciclopédia livre. **Uberaba**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>> Acesso em 21 de abril de 2019.

ISBN: 978-65-89736-05-9

CDL



9 786589 736059